



OXUM E O FEMININO SAGRADO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE MITO, RELIGIÃO E CULTURA

Prof. Ms.Cláudia Cerqueira do Rosário¹

RESUMO

Os temas "mito" e "religião" são peças fundamentais para a construção de uma Teoria da Cultura, seja como objetos de estudo e reflexão, seja como recurso metodológico para a compreensão dos fundamentos das realidades culturais, e se prestam a uma enorme gama de enfoques - antropológico, literário, sociológico, filosófico, teológico, etc. Este trabalho busca construir uma breve reflexão sobre o feminino sagrado partir de uma relação determinada entre mito, religião e cultura através da dicotomia entre o tão o que tão bem expressa o epíteto de "Vênus Africana", comumente atribuído à Oxum nas literatura sobre as Religiões dos Orixás na África e na Diáspora, por um lado, e seu concomitante sincretismo com a Virgem Mãe do cristianismo.

Palavras chaves: Mito, religião, cultura, Oxum.

1. A Importância do Pensamento Mítico ²

A compreensão do pensamento mítico-religioso como característico de uma forma peculiar de conhecimento se justifica por uma série de aspectos. Os estudos mais contemporâneos sobre o mito tendem a compreendê-lo não a partir de seu conteúdo variável histórica e geograficamente, mas como uma espécie de linguagem que traduz, neste modo variável no tempo e espaço, fatos elementares do espírito humano, exprimindo-os por assim dizer através do drama mítico e de seus elementos constitutivos.

Isto dissocia o mito de sua interpretação como lenda ou fábula, embora não as exclua, como também a seu uso como "não verdadeiro" ou falso. Na realidade, do ponto de vista que se trabalha aqui, o mito exprime uma verdade do espírito na forma de

¹ Professora no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais/CCH/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Doutoranda em Ciência da Religião (PPCIR/UFJF).
e-mail: claudiarosario@globo.com

² As noções aqui expostas são resultado de diversos projetos de pesquisa desenvolvidos na UNIRIO entre 1996 e 2007 e aparecem em alguns outros trabalhos já publicados (ROSÁRIO, 2002, 2006, 2007)

história ou modelo em sua linguagem peculiar. Desta forma, está presente nos motivos centrais pelo qual se expressou e expressa o pensamento religioso tomado em geral, mas, por expressar dramaticamente os fatos fundamentais da vida - o nascimento, a morte, o amor e o ódio, a glória, a guerra, etc., está presente em nossas representações coletivas mais caras, mais presentes ainda no mundo contemporâneo, apesar de sua pretensa racionalidade dominante. Pode ser percebido na construção da imagem do político, da idolatria ao astro de rock, do sacrifício por algum ideal inatingível de beleza. Nas formas de manipulação e opressão e, por outro lado e ao mesmo tempo, nas mais vigorosas formas de libertação.

No pensamento religioso, particularmente, o mito se exprime em toda magnitude: é linguagem fundamental para expressar sua categoria fundamental, a do sagrado. A partir daí, e em relação à outro conceito inseparável do de sagrado, o de profano, o modo de pensar mítico se exprime no âmbito dos demais aspectos da cultura, sendo, desta forma um caminho para a compreensão de fatores dela constitutivos e caracterizando uma forma de conhecimento importante dentro do âmbito das ciências humanas. O próprio mito pode ser abordado tanto no sentido sagrado como no profano. Ou seja: mesmo sendo a linguagem por excelência da religião, pode ser encontrado no fundo das ideologias, da arte, da organização da psique humana tomada como um todo, enfim, e através de todas as suas expressões.

O "modo mítico" de pensar se reveste de algumas características peculiares. Em primeiro lugar, opera por analogia, pela percepção da semelhança, pelo "assim como" que acaba gerando uma das características do mito que é essencialmente a de funcionar como "modelo exemplar". A analogia leva à um simbolismo no qual cada representação carrega o que se pode chamar de "excedente de significação", ou seja, transporta sentidos que em muito excedem, por exemplo, as que podem transportar as representações do modo lógico-racional de pensar – como o conceito. Transportam sentidos muito além de si mesmas, e se transmitem uma verdade que diz respeito à vida do espírito e do fazer humanos.

A noção de "excedente de significação" diz respeito à categoria do "sagrado" tal qual a compreende o filósofo da religião Rudolf Otto (1959). Mas também pode ser aplicada ao mito em geral, se a associamos à noção de "arquétipo" tal como a entende Carl Jung (2000), como modelos primitivos no inconsciente coletivo humano. Através do mito, o excesso de significação que aponta em última instância para as justificativas últimas que não podem ser compreendidas racionalmente e com as quais o homem se

relaciona através da religião pode ser trazido à consciência de uma forma "compreensível".

O mito envolve, também, a conciliação de aspectos complementares da realidade que no modo ordinário de pensar se apresentam como oposições. Como linguagem não-linear, enfim, o mito constrói um espaço de conciliação com os aspectos caóticos da realidade, com as contradições que se manifestam co-existindo no mundo e contrariando os princípios mais elementares da lógica. No mito co-existem ser e não-ser, verdade e erro, e todos os fatos essenciais do espírito. Na sua forma dramática de expressão, há a possibilidade de acesso à compreensão de vários aspectos da cultura, já que através do mito pode-se ter acesso ao conjunto de valores e aspirações de um grupo ou de uma época, e estes valores são determinantes do modo de ser e de se expressar de uma cultura, o que torna seu estudo fundamental – por remeter à categorias fundamentais do modo de ser do homem no mundo . Esta ambivalência do mito o coloca na posição de algo como um "embrião" de sentido, de um lugar onde se colocam todas as possibilidades de sentido.

Para Mircea Eliade (1985), conhecer os mitos é conhecer o segredo das coisas. O mito assim entendido não se refere especificamente às mitologias, que estas são determinadas culturalmente no tempo e no espaço, mas aos mitos atemporais dos quais a mitologia é a manifestação numa forma. O mito que nos dá o segredo das coisas é o arquétipo que se manifesta diferentemente conforme a época, mas continua presente como questão perene. A questão da mulher é uma das tantas que podem ser trabalhadas sob o ponto de vista das imagens míticas.

1. Mito e Mulher: Imagens do Feminino

A busca de significado, esta inclinação do pensamento humano a compreender a si mesmo e ao mundo, a buscar explicações que justifiquem seu estar no mundo e mesmo o ser do mundo começa, de certo modo, a ser construída e expressa através do modo mítico de pensar. Como dissemos acima, o mito diz respeito aos arquétipos elementares da vida do espírito, e o feminino é um deles. Como em outras esferas, ademais, pode ser compreendido sob os sentidos sagrado e profano, ou mesmo sintetizar esta dicotomia. Um olhar sobre o que podemos chamar de “mitologias do feminino” pode contribuir para a compreensão da condição feminina em seus diferentes aspectos culturais, inclusive determinando as imagens do feminino no mundo contemporâneo.

Estas imagens podem propiciar uma visão de como se determina o papel da mulher e mesmo do que se entende por “questões de Mulher”, que refletem, mesmo num âmbito intelectualizado e esclarecido, uma imagem do feminino gerada no âmbito do pensamento patriarcal de fundo semita³. Esta imagem fragmenta e dicotomiza o feminino em categorias estanques - esposa/amante, santa/prostituta, pura/impura, espiritual/carnal e assim por diante - valorando positiva ou negativamente um ou outro atributo vinculados simbolicamente a estas imagens. Fornece o modelo ainda dominante na contemporaneidade de determinar os papéis femininos e seus valores. Por outro lado, em outras mitologias, seja de outros contextos históricos, seja de outros universos culturais, estas imagens de mulher se encontram unificadas, e atributos como “corpo”, “intuição” e “sensibilidade”, conceitos tipicamente relacionados à uma imagística feminina, mantêm seu valor de excelência, não excluídos ou diminuídos pela exigência de racionalidade quase absoluta do pensamento patriarcal. Pode-se, na observância destas imagens, perceber e compreender a sedimentação destas idéias ao longo da história do judaico-cristianismo ocidental e a caracterização destes modelos na contemporaneidade e suas representações, suas relações com ações e reações como os “feminismos” e com o que se tem chamado, no sentido religioso, de “ressurgimento da Deusa” em alguns movimentos espiritualistas e outros espaços simbólicos.

Segundo Eliade (1991, p. 15), a porção “essencial” e “imprescindível” do homem a que chamamos imaginação está imersa em simbolismo e continua a viver dos mitos e teologias arcaicas:

Etimologicamente, imaginação está ligada à *imago*, “representação”, “imitação”, à *imitor*, “imitar, reproduzir”. Excepcionalmente, a etimologia responde tanto às realidades psicológicas como à verdade espiritual. A imaginação *imita* modelos exemplares – as Imagens – reproduzindo-os, reatualizando-os, repetindo-os infinitamente. Ter imaginação é ver o mundo em sua totalidade, pois as Imagens têm o poder e a missão de *mostrar* tudo o que permanece refratário ao conceito. (Eliade, 1991, p. 16).

Nada mais correto pode se observar diante do estudo do pensamento mítico-simbólico, especialmente se buscamos observar a evolução de um simbolismo determinado como é o caso deste, voltado especificamente para as representações do feminino. Entendemos “evolução” aqui no sentido de movimento, de flexibilidade, de alteração e alternância própria da característica ambígua do símbolo em geral, da qual a

³ Entenda-se o termo aqui não como sinônimo de “judaico”, como se entende comumente hoje, mas como a família etnográfica e linguística que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes.

simbologia do feminino não escapa. No caso específico do campo simbólico do feminino podemos, através das mitologias “vivas”, compreender a dinâmica entre a situação feminina nos diversos contextos culturais e seus “modelos exemplares”.

Neste sentido, uma “arqueologia” das representações do feminino é bem-vinda, já que mito e símbolos são móveis, dinâmicos, ambíguos. Em primeiro lugar, a gênese de uma mítica do feminino que é dominante na cultura contemporânea ocidental pode ser observada através do que podemos chamar de uma “diáspora” cultural. Esta teria sua origem, na antigüidade, entre os povos semitas que constituem os antepassados comuns de uma herança cultural que se tem antagonizado ao longo da história e pode ser identificada do ponto de vista espiritual, *grosso modo*, ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo. Uma das coisas que é preciso ter em mente aqui é que usamos estes conceitos de maneira muito genérica, quando na verdade são muitas as facetas, vertentes e variantes que são designadas por estes conceitos, o que os torna bastante equívocos. Outra, que o simbolismo religioso que encerram – e que podemos dizer, gerou o “modelo exemplar” da ordem mundial dominante – não tem necessário fundamento no entorno histórico de sua gênese, mas é influenciado por outros elementos que a ele se agregam. Por exemplo, o cristianismo (mesmo que entendido do ponto de vista genérico) atual é resultado de uma série de interpretações acerca de um conjunto determinado de textos com pequenas variações segundo a denominação dos diversos cristianismos. Ignora em grande medida a validade histórica e principalmente espiritual de outros textos ao redor do chamado “acontecimento histórico” da vida de Cristo, como por exemplo, os chamados evangelhos apócrifos – a não ser como objeto de investigação acadêmica ou como referência espiritual de poucos. O grande modelo mítico atravessa a história, privilegia uma interpretação, elege seus símbolos, transforma-os em verdades.

Falamos de mulher num universo cultural onde o paradigma mítico é um deus de feições masculinas e autoridade absoluta, um “senhor dos exércitos”- mesmo o cristianismo gerou cruzadas. À mulher resta a submissão à este princípio masculino, tão arraigado que podemos muitas vezes percebê-lo independentemente do sexo biológico, e mesmo em algumas ações afirmativas feministas que podem ser tão agressivas e dominadoras quanto o “algoz” masculino. É ainda na busca de compreender e superar esta submissão secular que podemos falar hoje numa disciplina como os Estudos de Gênero.

Outro aspecto que cumpre sempre lembrar em se tratando desta temática que abordamos é o fato de que, quando falamos em “mitologias do feminino”, é que não nos reportamos à mulher compreendida em termos biológicos, ainda que, como sempre assinalamos, os complexos simbólicos envolvidos nestas mitologias acabem determinando em grande medida seu estar no mundo. Não nos reportamos sequer apenas às representações do feminino divinizadas. Estas mitologias se reportam à um conceito muito mais amplo de feminino (e, obviamente, de masculino) , de caráter não apenas antropomórfico, mas também como noção mítica pertencente à ordem do imaginário , aplicável à ordem do real como um todo . Isto se dá através de associações simbólicas que atribuem caráter “feminino” ou “masculino” aos elementos do real.

O potencial de aplicação destas noções é significativo, temos observado, não só no tocante às questões de Gênero propriamente ditas, mas também no que tange a outros aspectos da Cultura. Movimentamo-nos movidos por símbolos, nossa relação com o mundo é mediatizada por eles, o nosso mundo é feito de símbolos. Como assinala Cassirer,

O homem não pode fugir à própria consecução. Não pode deixar de adotar as condições da própria vida. Já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste universo. São os vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. Todo o progresso humano no pensamento e na experiência aperfeiçoa e fortalece essa rede. Já não é dado ao homem enfrentar imediatamente a realidade. (...) Envolveu-se por tal maneira em formas lingüísticas, em imagens artísticas, em símbolos míticos ou em ritos religiosos, que não pode ver nem conhecer coisa alguma senão pela interposição desse meio artificial. (1977, p.50)

A “teia emaranhada da experiência humana” produz, no Brasil, como em outros países das Américas, uma crença religiosa que entre outros aspectos sintetiza num mito aspectos contraditório do feminino – ou pelo menos considerados contraditórios dentro da cultura dominante judaico-cristã. Na figura de Oxum convergem as diversas formas do feminino.

3. Oxum: entre a Virgem e a Cortesã.

Na Introdução à coletânea de artigos *Osun Across the Waters* (2001), totalmente dedicada a estudos sobre Orixá Oxum na África e nas Américas, seus organizadores Joseph Murphy e Mei-Mei Sanford observam:

Most previous accounts of Yoruba traditions have been content to characterize Osun as ‘river goddess’, ‘fertility goddess’, ‘the African Venus’. These ethnocentric and reductive views fail to reflect the centrality and authority of Osun in Yoruba religious thought and practice (2001, p. 1).

Para eles, estas visões não apontam para as dimensões plurais do poder de Oxum, no sentido político, econômico, divinatório, maternal, natural e terapêutico. Muito de sua mitologia a mostra em papéis libertários para a condição feminina. Mas como no caso de outras divindades femininas ao longo da história das religiões, também as formas de compreender Oxum sofreram e sofrem a influência das religiões – e epistemologias – patriarcais. Como objeto de culto de uma religião de cunho que pode ser categorizado como “pagão” frente à visão dominante ocidental, é reduzida à idéia ingênua da pura e simples representação de um elemento natural – os rios, as cachoeiras, as águas doces. Como objeto feminino de culto, é reduzida à “deusa da fertilidade”, como quis boa parte da pesquisa arqueológica e ou antropológica, que tendo por modelo mítico dominante do feminino uma virgem-mãe, reduz ao aspecto da maternidade o único sagrado relacionado ao feminino. Por outro lado - e na mentalidade ocidental dominante, um lado diametralmente oposto - a expressão “Vênus Africana” chama atenção sobre um aspecto fundamental da mitologia de Oxum: sua função como símbolo da libido, onde outro problema se coloca, o da sexualidade. Neste contexto, é associada à imagem da cortesã, único lugar de exercício da sexualidade feminina livremente exercida, mas que não esgota a compreensão religiosa do tema e mesmo o dessacraliza, ao dessacralizar a mulher-cortesã.

Todos estes conceitos misturam-se de maneira bastante equívoca na história das representações do feminino nas religiões. O mito alimenta e é alimentado pela mobilidade das culturas e entre as culturas. Quanto se fala do culto a Oxum no Brasil, fala-se de uma divindade originária de uma região específica da Nigéria, África, onde reina sobre um rio do mesmo nome - e onde era e ainda é objeto de culto da maior importância, não só religiosa como sócio-política ⁴- e estendeu seus domínios para as Américas onde sua figura é sincretizada com a Virgem-Mãe dos católicos, como Nossa Senhora da Conceição no Brasil, ou La Caridad Del Cobre em Cuba. Mas, apesar desta associação com a representação máxima do feminino sagrado no cristianismo ocidental, Oxum por outro lado guarda o aspecto mais degradado e dessacralizado do feminino

⁴ A propósito, ver o interessante artigo de Olupona (2001), Orisa Osun: Yoruba Sacred Kingship and Civil Religion in Osogbo, Nigeria.

neste contexto: a expressão da sexualidade, expressão do desejo como inclinação, ou como podemos dizer na linguagem da psicologia contemporânea, como símbolo da libido, e de tudo isto como parte de um todo sacralizado. Um informante de Lydia Cabrera (2004, p. 18) no contexto cubano, fornece uma declaração veemente deste sentido do *axé* de Oxum:

Os filhos de Oxum apresentam notáveis semelhanças morais e físicas com sua *Iyá Oro*, seja sob o aspecto leviano, excessivamente desenvolvido, da sexual Oxum *Yeyé Moro*, seja sob o aspecto grave e circunspecto de Oxum *Yemu* ou de Oxum *Olodo*, “que não conhece amantes e rechaça as sem-vergonhices”. Pois seria um erro pensar que Oxum é “rameira” o tempo todo e, apesar de sua divindade, uma alegre e despreocupada mulher da vida. Enfatizando apenas sua leviandade, comete-se o pecado de faltar-lhe ao respeito, sobretudo quando não se compreende, conforme nos afirmou um velho adorador de Oxum, “que sua putaria é sagrada”.

De certo modo assim, Oxum é, ao mesmo tempo, a Vênus dos romanos, a dourada Afrodite dos gregos, que instila o desejo no peito de deuses, homens e animais, e Maria da Nazaré, a virgem mãe do Cristo. Que divindade, pois, é esta que pode ser associada na prática religiosa - e a despeito dos rigores teológicos - tanto com Afrodite como com Nossa Senhora? Que modo é este de ser ao mesmo tempo a Virgem e a Cortesã? Que representam estas imagens, a que aspecto do inefável remetem? A que sacralidade comum podem remeter representações tão diferentes e, no entanto, tão identificadas na prática religiosa e mesmo na acadêmica, como atesta a citação de Murphy e Stanford acima, que permitiu que as pesquisas antropológica e arqueológica associassem Oxum à Vênus (como de resto o fez com diversas representações sexualizadas do feminino sagrado ou aparentemente sagrado, como por exemplo, a “Vênus” de Willendorf)? Na diáspora da Religião dos Orixás, nas Américas, o sentimento religioso concilia em sua figura este par de opostos aparentemente irreconciliáveis.

É evidente que Oxum não é Vênus ou Afrodite, nem vice-versa, como também não é Maria. Do ponto de vista da representação, da sistematização simbólica, pertencem a diferentes contextos sociais, históricos, culturais. Do ponto de vista do representado, no entanto, estas representações convergem para um feminino sagrado, e esta sacralidade, no caso de Oxum, aponta para a convergência de aspectos que, na história do ocidente, divergiram quando ao valor nas concepções religiosas do feminino, ou seja, a sexualidade e a maternidade.

A expressão “Vênus” é um exemplo de sobrevivência mítica na esfera profana, mas original de um contexto sagrado, e sincretizada então à Afrodite dos gregos. Esta, a “Dourada Afrodite”, antes de se tornar uma imagem metafórica e profana do Grande Cortesã, como ainda subsiste no sentido profano, era objeto de devoção religiosa e culto em considerável parte do mundo mediterrâneo antigo – de onde se origina, aliás, outro elemento decisivo formador da cultura ocidental: a filosofia grega. Ademais, Afrodite também tem parentescos sincréticos com o Oriente, como demonstram vários autores, principalmente com as Astartés semitas, e à Ishtar, que pode resumir para nosso efeito sua expressão no contexto sumero-babilônico ⁵.

A mitologia de Oxum guarda aspectos eróticos bastante semelhantes à mitologia destas divindades em seus contextos religiosos, como atesta, por exemplo, um mito narrado por Reginaldo Prandi (2001, p. 321-3) que certamente Afrodite/Vênus gostaria de protagonizar. Nele, conta-se como Ogum, perante Obatalá, havia condenado a si mesmo a trabalhar duro na forja para sempre. No entanto, cansado de sua profissão e da cidade, e ansiando pela liberdade das florestas, abandona o trabalho e parte, deixando tudo para trás. Os demais Orixás, ao tomarem conhecimento de sua fuga, tentaram inutilmente convencê-lo a voltar, já que sem seus ferros o mundo passou a ir muito mal. Todos tentaram em vão fazê-lo retornar, até que a “bela e frágil” Oxum oferece-se como voluntária. Os demais Orixás escarnecem dela: é frágil demais para enfrentar a violência de Ogum. Obatalá, no entanto consente.

Assim Oxum entrou no mato e se aproximou do sítio onde Ogum costumava acampar.

Usava ela tão-somente cinco lenços transparentes presos à cintura em laços, como esvoaçante saia.

Os cabelos soltos, os pés descalços, Oxum dançava como o vento e seu corpo desprendia um perfume arrebatador.

Ogum foi imediatamente atraído, irremediavelmente conquistado pela visão maravilhosa, mas se manteve distante.

Ficou à espreita atrás dos arbustos, absorto.

De lá, admirava Oxum embevecido.

Oxum o via, mas fazia de conta que não.

O tempo todo ela dançava e se aproximava dele, mas fingia sempre que não dera por sua presença.

A dança e o vento faziam flutuar os cinco lenços da cintura, deixando ver por segundos a carne irresistível de Oxum.

Ela dançava, o enlouquecia.

Dele se aproximava e com seus dedos sedutores lambuzava de mel os lábios de Ogum.

Ele estava como que em transe.

⁵ Para uma compreensão estrutural do mito de Afrodite, ver o interessante trabalho de Friedrich (1978).

E ela o atraía para si e ia caminhando pela mata, sutilmente tomando a direção da cidade.

Mais dança, mais mel, mais sedução.

Ogum não se dava conta do estratagema da dançarina. Ela ia na frente, ele a acompanhava inebriado, louco de tesão.

Quando Ogum se deu conta, eis que se encontravam ambos na praça da cidade. Os orixás todos estavam lá e aclamavam o casal em sua dança de amor.

Ogum estava na cidade, Ogum voltara!

Temendo ser tomado como fraco, enganado pela sedução de uma mulher bonita, Ogum deu a entender que voltara por gosto e vontade própria.

E nunca mais abandonaria a cidade.

E nunca mais abandonaria sua forja.

E os orixás aplaudiam e aplaudiam a dança de Oxum.

Ogum voltou à forja e os homens voltaram a usar seus utensílios e houve plantações e colheitas e a fartura banuiu a fome e espantou a morte.

Oxum salvara a humanidade com sua dança de amor.

A mitologia de Oxum é pródiga em ações deste tipo. Estas referências nos apontam para um conceito de feminino sagrado bem diferente daquele que veio a dominar no ocidente, onde o sexo foi transformado em pecado, e, associado ao feminino, tornou pecaminosas as mulheres quase que por princípio, a elas contrapondo um modelo de mulher sagrada na figura de Maria de Nazaré, esta principalmente associada, a certa altura do cristianismo, à concepção imaculada, entendida como assexuada ⁶.

De acordo com o mito, entendido aqui como a narrativa de um acontecimento primordial, Maria gerou Jesus, o Cristo, através de concepção imaculada, por obra exclusivamente divina. É a Grande Mãe do cristianismo, a mãe de Deus, já que Cristo é sua própria encarnação. Esta função maternal e as dela derivadas – como intercessora, por exemplo – é a função de Maria no culto popular, a mãe de Deus e a mãe de todos nós, fonte de toda doçura e compaixão. No campo das Religiões dos Orixás, a associação que predomina é com Iemanjá, também compreendida como a Grande Mãe nas religiões afro-brasileiras, a geradora de todos os Orixás, Oxum inclusive.

No entanto, também Oxum é associada a este aspecto, e mesmo apesar de uma mitologia que atesta sua forte vinculação à força da sexualidade, esta pode mesmo no culto popular, ser negligenciada ou mesmo negada como sugerem alguns trabalhos, tão forte é a associação com Maria. No entanto permanece de algum modo associada à sedução, pela vaidade, por ser considerado a Orixá da beleza, além de referir-se também

⁶ A teologia católica postula que mesmo a concepção de Maria por Ana tenha já sido imaculada.

à riqueza e à abundância. Em sua figura convergem, assim, elementos fundamentais de um feminino sagrado. As filhas de Oxum também rezam para Nossa Senhora da Conceição, a despeito das resistências de muitos setores religiosos das diversas orientações quanto ao sincretismo.

Todos estes aspectos remetem à convergência dos aspectos do feminino representados por Vênus e Maria. Este fenômeno, central em práticas religiosas vivas como no campo religioso afro-brasileiro, revela uma sacralidade feminina peculiar do ponto de vista religioso ou pelo menos do ponto de vista religioso dominante no mundo contemporâneo, o que significa também dominante culturalmente.

4. Considerações finais:

Um mergulho no, por assim dizer, *logos* do pensamento mítico é importante para a compreensão da cultura sob diversos prismas. Como contribuição à compreensão do universo religioso afro-brasileiro sob o ponto de vista teórico e mesmo filosófico a partir de seus mitos fundadores, assume importância num momento em que seus estudos convergem para o registro e interpretação do ponto de vista de sua assunção como religião – e não como “seita” ou “superstição”, ou mesmo folclore, aviltante tratamento ao qual foram sujeitas por longo período. As religiões afro-brasileiras têm suas peculiaridades tanto do ponto de uma teologia quanto com relação à fé. Pouco exploradas do ponto de vista mítico e filosófico, demandam um olhar atento à sua constituição e à sua forma específica de relacionamento com o sagrado. Ou seja: a análise do sentido e significado do *corpus* pode fornecer elementos fundamentais para além das descrições das práticas rituais ou dos *ethos* – que dominam a literatura no gênero - envolvidos nas Religiões dos Orixás não apenas internamente, mas também com relação ao que norteia o estar no mundo dos que nelas crêem. Um estudo aprofundado do significado mítico, e, como falamos de religião, do significado teológico dos mitos que fundamentam a prática religiosa das Religiões dos Orixás pode ser enriquecedor e propiciador de elementos complementares à compreensão da cultura como um todo – por fornecer elementos teóricos que possam iluminar a compreensão do fenômeno religioso em geral - e particularmente a cultura brasileira.

No tocante ao campo dos Estudos de Gênero, acreditamos que o estudo das representações do feminino em seu caráter simbólico pode contribuir e muito para a compreensão da condição feminina, bem como na superação de aspectos limitadores

desta condição impostos pela história, pela condição sócio-econômica, enfim, pelo papel social exercido pela mulher. Acreditamos também que, em geral, pesquisas que investiguem um campo determinado do mito e do simbolismo – como o do feminino, neste caso – podem fornecer fatores não só de compreensão, mas também transformadores nos processos culturais em geral.

No caso de Oxum, esta síntese de elementos expressos em sua mitologia e que fazem parte da teologia de formas vivas de crença que designamos aqui pela expressão genérica “Religiões dos Orixás” aponta para a persistência, mesmo através dos fenômenos de aculturação e sincretismo, para uma imagem de mulher perdida e novamente buscada na cultura ocidental. Esta imagem, que exalta um feminino total, não fragmentado, ativo e atuante, em conjunto com a mitologia das demais *ayabás*, constitui uma teologia do feminino ampla e rica, que demanda ainda maior exploração e aprofundamento na literatura que busca compreender as Religiões dos Orixás.

REFERÊNCIAS:

CASSIRER, Ernst: *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CABRERA, Lydia: *Iemanjá e Oxum*. São Paulo: EDUSP, 2004.

ELIADE, Mircea: *Imagens e Símbolos: Ensaio Sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1991.

_____. *Aspectos do Mito*. Lisboa: Ed. 70, 1985.

FRIEDRICH, Paul: *The Meaning of Aphrodite*. Chicago: Chicago University Press, 1978.

JUNG, Carl Gustav: *Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo*. RJ : Vozes, 2000.

MURPHY, Joseph, e SANFORD, Mei-Mei (editors): *Òsun Across the Waters: a Yoruba Goddess in Africa and the Americas*. Indiana: Indiana University Press, 2001.

OLUPONA, Jacob K.: Orisa Osun: Yoruba Sacred Kingship and Civil Religion in Osogbo, Nigeria, in, MURPHY, Joseph, e SANFORD, Mei-Mei (editors): *Òsun Across the Waters: a Yoruba Goddess in Africa and the Americas*. Indiana: Indiana University Press, 2001.

OTTO, Rudolf: *The Idea of the Holy*. New York: A Galaxy Book, Oxford University Press, 1959.

PRANDI, Reginaldo: *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira: O Lugar Mítico da Memória, in, *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas* Ano 01, No. 01, 2002a (<http://www.unirio.br/morpheusonline>).

_____ Der Aphrodite-Effekt: Rekonstruktion eines gespaltenen Bildes der Frau, in, *Schlangenbrut -zeitschrift für feministisch und religiös ininteressierte frauen*, Alemanha, p. 42 - 43, 20 maio 2002b.

_____ A Força Que Mora N'Água Não Faz Distinção de Cor: Uma Reflexão Sobre o Sincretismo no Brasil. In: CD-ROM .VIII Simpósio da ABHR, 2006, São Luis-MA.

_____ O Mito no Cinema: Algumas Possibilidades Interpretativas, in, *Revista Teias*, Vol 08, No 15-16, (2007), “Cultura, Internet e Educação” ([http://www,revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias](http://www.revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias))